



POR QUE AS LÍNGUAS MUDAM? POR QUE VARIAMOS?

WHY DO LANGUAGES CHANGE? WHY DO WE VARY?

Lucas Santos Silva de Melo

Doutorando e Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3540-4350>

E-mail: lucas_riachao@hotmail.com

Resumo

A mudança e a variação linguística são fenômenos complexos que atravessam todas as línguas naturais, refletindo dinâmicas sociais, históricas e cognitivas. Este artigo apresenta os fatores subjacentes a esses processos, com o objetivo de explorar conceitos consolidados sobre a mudança e a variação linguística, examinando como os indivíduos diferem em suas formas de falar. Nosso objetivo é revisitar as contribuições da Sociolinguística, com ênfase no constructo de Variação e Mudança Linguística, conforme proposto por Weinreich, Labov e Herzog (2006), e explorar como essa abordagem dialoga com outras correntes linguísticas, como o Estruturalismo, o Gerativismo, o Funcionalismo e a Linguística Cognitiva. Nesse contexto, também discutimos os níveis de apreciação e avaliação social dos fenômenos linguísticos (Labov, 2008[1972]) e o contínuo de urbanização apresentado por Bortoni-Ricardo (2004). Além disso, examinamos como as formas linguísticas se entrelaçam às dinâmicas sociais na escolha dos fenômenos da fala, evidenciando como essas escolhas são indexadas às estruturas sociais e culturais que permeiam o processo de variação linguística.

Palavras-chave: Mudança linguística, Variação linguística, Sociolinguística.

Abstract

Linguistic change and variation are complex phenomena that occur across all natural languages, reflecting social, historical, and cognitive dynamics. This article examines the factors underlying these processes, aiming to explore consolidated concepts of linguistic change and variation while analyzing how individuals differ in their ways of speaking. Our goal is to revisit the contributions of Sociolinguistics, with an emphasis on the construct of Linguistic Variation and Change as proposed by Weinreich, Labov, and Herzog (2006), and to explore how this approach interacts with other linguistic currents, such as Structuralism, Generativism, Functionalism, and Cognitive Linguistics. In this context, we also discuss the levels of social perception and evaluation of linguistic phenomena (Labov, 2008[1972]) and the urbanization continuum presented by Bortoni-Ricardo (2004). Furthermore, we examine how linguistic forms intertwine with social dynamics in the choice of speech phenomena, highlighting how these choices are indexed to the social and cultural structures that shape the process of linguistic variation.

Keywords: Linguistic change, Linguistic variation, Sociolinguistics.

INTRODUÇÃO

A mudança e variação linguística são temas centrais no campo da linguística, despertando o interesse de pesquisadores e acadêmicos ao longo do tempo. Este artigo revisita as razões subjacentes à

mudança linguística e à variação nas línguas humanas, com um enfoque especial na variação linguística presente na fala.

Uma das capacidades mais notáveis do ser humano é a fala. Ao nos comunicarmos oralmente, produzimos sons que resultam de um processo complexo, no qual combinações de fonemas geram significados. Essas combinações, porém, não são aleatórias. Regras específicas organizam a produção sonora ao estruturar segmentos consonantais e vocálicos em cadeias, determinando quais sequências sonoras são possíveis em uma determinada língua. Esse funcionamento ilustra a língua como um sistema organizado, cujos elementos interagem de maneira ordenada e previsível.

A concepção da língua como um sistema organizado foi estabelecida por Saussure (2012 [1916]) e permanece como um pilar fundamental da Linguística moderna. Segundo essa visão, a língua é regida por regras internas, moldadas por sua própria estrutura, em que nenhum elemento é aleatório; todos se articulam segundo um princípio subjacente de organização. A compreensão desse princípio, descrito como “solidariedade dinâmica”, só é possível graças à análise detalhada dos usos linguísticos e dos elementos que compõem os sistemas linguísticos.

Neste artigo, buscamos revisitar as contribuições da Sociolinguística, com destaque para o Constructo da Variação e Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006), explorando como essa abordagem se relaciona ou diverge de outras correntes teóricas, como o Estruturalismo, o Gerativismo, o Funcionalismo e a Linguística Cognitiva.

POR QUE AS LÍNGUAS MUDAM? EXPLICAÇÕES BASEADAS EM USOS

O Constructo da Variação e Mudança Linguística surgiu como uma ruptura significativa com a concepção tradicional de língua como um sistema homogêneo, centrado no indivíduo e desvinculado das situações reais de comunicação em contextos sociais. Essa ruptura marcou uma oposição direta aos princípios do Estruturalismo de Ferdinand de Saussure, que entendia a língua como um sistema homogêneo e unitário, aparentemente alheio às influências sociais (Saussure, 2012 [1916]).

Além disso, o Constructo também desafiou as bases do Programa Gerativo-Transformacional de Noam Chomsky, que defendia um modelo de linguagem fundamentado na noção de uma competência inata e universal, supostamente invariante entre os falantes. Ao contrastar essas perspectivas, a abordagem da Variação e Mudança Linguística enfatiza o papel central das interações sociais, dos contextos culturais e das dinâmicas comunitárias no entendimento dos fenômenos linguísticos.

A teoria linguística tem antes de mais nada como objeto um falante-ouvinte ideal, situado numa comunidade linguística **completamente homogênea**, que conhece a sua língua perfeitamente, e que, ao aplicar seu conhecimento da língua numa performance efetiva, não é afetado por condições gramaticalmente irrelevantes tais como limitações de memória, distrações, desvios de atenção de interesse, e erros (casuais ou característicos). (Chomsky, 1978, p. 83)

Sobre o conceito de um falante ideal pertencer a uma comunidade linguística completamente homogênea, Weinreich, Labov, Herzog (2006, p. 60), tecem uma crítica a Chomsky e consideram que

A exigência da homogeneidade se torna central aqui: a competência linguística que é o objeto da análise linguística é a posse de um indivíduo; a teoria linguística se ocupa da comunidade somente na medida em que a comunidade é homogênea e na medida em que o informante individual é perfeito representante dela.

À medida que exploramos a complexidade da língua e sua relação com a sociedade, torna-se evidente que a língua é muito mais do que um sistema rígido e imutável. Ela é, na verdade, um organismo vivo, em constante evolução, moldado pelas interações sociais e culturais que a permeiam. A visão tradicional da língua, como proposta pelo estruturalismo de Saussure, considerava-a como um sistema homogêneo e imune às influências sociais. No entanto, essa perspectiva revelou-se limitada diante da complexidade da comunicação linguística na sociedade.

Com essa virada de perspectiva, nos anos 1960, reconhecendo a língua como um fenômeno intrinsecamente social e passou a examiná-la em seu contexto sociocultural. Labov (2008, p. 241) definiu a Sociolinguística como “o estudo da língua em seu contexto social”, e essa mudança de paradigma trouxe uma compreensão mais profunda da natureza da linguagem.

De acordo com essa perspectiva, a língua é considerada um comportamento social e, como tal, está sujeita a influências sociais e culturais. Isso levou à aceitação de que a língua é intrinsecamente variável, e essa variação é observável em todas as suas manifestações. A mudança linguística, portanto, não é vista como um desvio, mas como uma parte natural do desenvolvimento linguístico. A variação linguística é a base a partir da qual as mudanças na língua emergem (Weinreich; Labov; Herzog, 2006).

Weinreich, Labov e Herzog (2006) defendem que a mudança linguística é uma resultante dinâmica presente em todas as línguas naturais, emergindo de processos de variação linguística. No entanto, é importante ressaltar que nem toda variação necessariamente resulta em mudança, mas toda mudança é, de fato, precedida por variação (Weinreich; Labov; Herzog, 2006). Isso significa que a diversidade linguística observada em diferentes grupos sociais ou em contextos variados é essencial para o processo de mudança das línguas.

Por ser um sistema heterogêneo, a língua proporciona ao falante um conjunto de alternativas, que é condicionado por fatores linguísticos e sociais. As mudanças podem acontecer em todos os seus níveis (fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático), a partir de contatos e generalizações de um subgrupo. Essas generalizações vão criar uma variação, que não são derivadas, mas inerentes ao próprio sistema linguístico. Quanto a isso, Labov (2008) afirma que

A explicação da mudança linguística parece envolver três problemas distintos: A origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística. [...] Essas variações podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo. (Labov, 2008, p. 19-20).

Mudanças sociais acarretam mudanças linguísticas. No percurso da humanidade, as grandes mudanças linguísticas foram motivadas por fatores históricos: mobilidade social, mobilidade geográfica, difusão do comércio internacional, revolução tecnológica, entre outras mudanças. Nesse sentido, “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (Labov, 2008, p. 21).

A transformação linguística é um fenômeno inevitável. Esse processo, intrinsecamente natural, é resultado das constantes influências sociais que exercem pressões contínuas sobre o sistema linguístico. Portanto, podemos analisar e estratificar as mudanças considerando categorias de natureza macrossocial, como escolaridade, faixa etária, etnia, sexo, gênero, classe econômica, além de outras categorizações sociais. Isso nos permite entender as diversas facetas da mudança linguística em sua relação com a sociedade.

Podemos citar, por exemplo, o clássico estudo de Labov que foi desenvolvido em 1962, em Nova York. Nele, o pesquisador buscou compreender as variações fonológicas da consoante (r) em posição pós-vocálica, a partir da estratificação dos fatores sociais dos falantes em três lojas de departamento (Saks Fifth Avenue, Macy’s e S. Klein) diferenciadas quanto ao *status* superior, médio e inferior, respectivamente. O *status* das lojas foi baseado nos preços, classes das pessoas frequentes nas lojas, publicação em jornal.

Ao final, 264 falantes participaram da coleta. Destes, 68 falantes entrevistados na Saks, 125 na Macy’s e 71 na Klein. Esses dados foram analisados considerando variáveis como loja, raça, ocupação dos empregados e idade. O estudo concluiu que a variável linguística atua como um marcador social em todos os níveis de fala na cidade de Nova York.

Evidências empíricas têm mostrado que, em geral, a mudança linguística é um processo gradual, em que variantes de uma variável competem entre si, até que seja preferida às demais (Weinreich; Labov; Herzog, 2006). Em suma, programa da Mudança e da Variação Linguística se baseia nos seguintes princípios:

- 1) A mudança linguística não deve ser identificada com deriva aleatória procedente da variação inerente na fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada.
- 2) A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas.
- 3) Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.
- 4) A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.
- 5) As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala. Como as estruturas variáveis contidas na língua são determinadas por funções sociais, os idioletos não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes.
- 6) A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família. Quaisquer descontinuidades encontradas na

mudança linguística são os produtos de descontinuidades específicas dentro da comunidade, mais do que os produtos inevitáveis do lapso geracional entre pais e filhos.

7) Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico. (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 125-126).

Dessa forma, é possível concluir que a heterogeneidade na sociedade provoca heterogeneidade dentro da língua, tendo, majoritariamente, o *corpus* baseado em situações reais e concretas de comunicação, assim como o clássico estudo de Labov (2008[1972]) e o estudo do (r) nas lojas de departamento na Cidade de Nova York.

A análise de fenômenos linguísticos baseada na situação concreta da intercomunicação, desde o contexto linguístico e a situação extralinguística, é característica imprescindível para Linguística Funcional Centrada no Uso.

Para esta corrente da linguística, os usos da língua são motivados por condições pragmáticas que dirigem a formação e o funcionamento da estrutura do sistema linguístico internalizado. Assim, a Linguística Funcional Centrada no Uso estuda “a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas” (Cunha, 2008, p. 157).

Esta tendência funcionalista ganhou contribuições nos anos de 1970 a partir do surgimento do trabalho de um grupo de pesquisadores centrados na Califórnia (EUA). Neste grupo estão Talmy Givón, Charles Li, Joan Bybee, Sandra Thompson, Paul Hopper, entre outros. Em Nova York, foi criada uma tendência da Linguística Funcional-Cognitiva, com os estudiosos George Lakoff, Gilles Fauconnier, entre outros (Pezatti, 2004).

DeLancey (2001) alega que a Linguística Funcional, de alguma forma, é um retorno aos estudos pré-saussurianos, a exemplo de Whitney, von der Gabelentz e Herman Paul. Estes entendiam que a estrutura linguística deveria ser explicada sob o viés de imperativos psicológicos, cognitivos e funcionais.

Para o funcionalismo, não há separação entre estrutura e uso. A estrutura da língua emerge à medida que ela é usada (Bybee, 2010). A proposta é de que se estabeleça um objeto de estudo baseado no uso real da língua. Daí, o estudo do discurso e gramática passa a ser simultâneo, isto é, “há uma simbiose entre discurso e gramática: o discurso e a gramática interagem e se influenciam mutuamente” (Cunha; Bispo; Silva, 2013, p. 14).

A gramática das línguas não constitui um sistema autônomo e suficiente entre si, mas um sistema complexo, dinâmico, criativo e mutável, que pode ser adaptado pelos usos reais de comunicação e de interação social, inclusive em termos de frequência. Assim, a gramática é

Como um conjunto minimamente classificado e organizado de memórias do que as pessoas ouviram e repetiram ao longo de uma vida de uso da língua, um conjunto de formas, padrões e práticas que surgiram para servir às funções mais recorrentes que os falantes precisam cumprir. (Ford; Fox; Thompson 2003, p. 122 – *tradução nossa*)

Essa afirmação corrobora com a visão de Bybee (2010), segundo a qual a estrutura linguística é uma resposta às necessidades do discurso e que a gramática ocorre através da adaptação e da frequência de uso, que é de suma importância para manutenção e estabelecimento da gramática. A gramática como resultado da estruturação de fatores cognitivos e derivada de processos interacionais básicos comunicativos da língua (Givón, 1979).

Neste íterim, para a Linguística Cognitiva, “as formas da língua acionam um conjunto de processos aparentemente simples, que operam sobre bases de conhecimentos subjacentes na memória ou presentes como contexto, na situação comunicativa” (Chiavegatto, 2009, p. 83). Ou seja, o foco desta perspectiva se dá no entendimento dos processos de construção de significados nas interações linguísticas, o que não isenta todo processo de aprendizagem ou de atualização de saberes na vida, que são socialmente estabelecidos.

A informação social é indexada à forma linguística, por mais sutil que ela seja, a exemplo do detalhe fonético fino. O conhecimento da variação provavelmente emerge de um processo de semiose em que os falantes são expostos a diferenças linguísticas, percebem-nas e passam a entender padrões de seu uso em conexão com fatos sociais (Squires, 2016, p. 81). Neste sentido, é impossível falar em cognição ou em representações sem falar em memória. Pelas experiências do indivíduo em sociedade, as informações linguísticas são armazenadas detalhadamente em nossa memória e indexadas a determinado perfis sociais, a exemplo de características de sociais dos falantes, como idade, *status* socioeconômico, sexo, a depender a variedade (Silverstein, 2003).

O armazenamento na memória das associações entre formas linguísticas e características sociais é crucial para a produção e percepção da linguagem em todos os níveis da gramática, incluindo detalhes fonéticos (micro) até orações e frases complexas (macro). Após armazenadas, essas informações não são perdidas ou descartadas.

Por ser motivada por conceitos cognitivos, sociocomunicativos e culturais, a estrutura da língua é abordada pelo Constructo da Variação e da Mudança Linguística, pela Linguística Funcional Centrada no Uso e pela Linguística Cognitiva, que, em suas análises, consideram categorias capazes de abarcar tanto aspectos internos quanto externos ao sistema linguístico, com foco, sobretudo, em estudos sobre falantes em contextos reais de comunicação e em diversas situações interacionais.

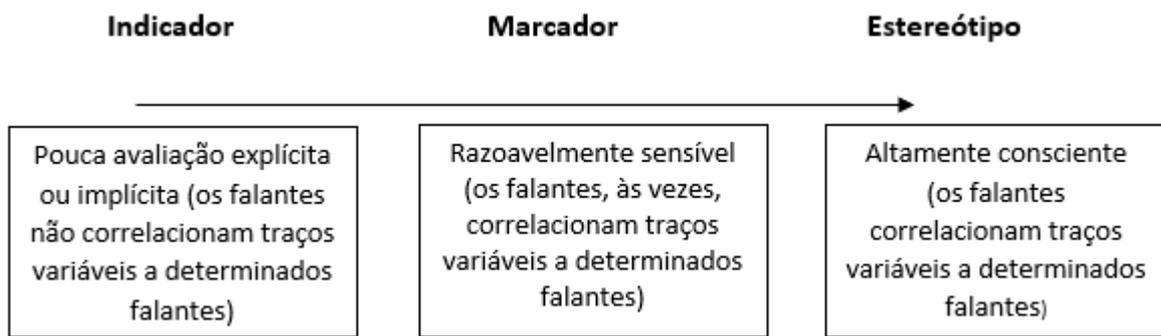
POR QUE VARIAMOS?

Sendo a língua, também, uma forma de comportamento social, as pressões sociais operam continuamente sobre estrutura linguística. Fatores externos exercem influência direta nas formas linguísticas. As variações linguísticas são, em certa medida, “executadas” ao invés de dadas. Os fatores sociais complementam os que são determinados pela própria estrutura linguística, uma vez que os falantes podem utilizar (e usam) a língua para atingir uma gama de objetivos sociais.

A utilização de uma variante da variável linguística pelo indivíduo ou pela comunidade depende, dentre outros fatores, das habilidades dos ouvintes em detectar as realizações, associá-las a grupos sociais ou a uma realização de prestígio, para que, assim, os falantes possam adotar (ou não) essas realizações em sua própria fala.

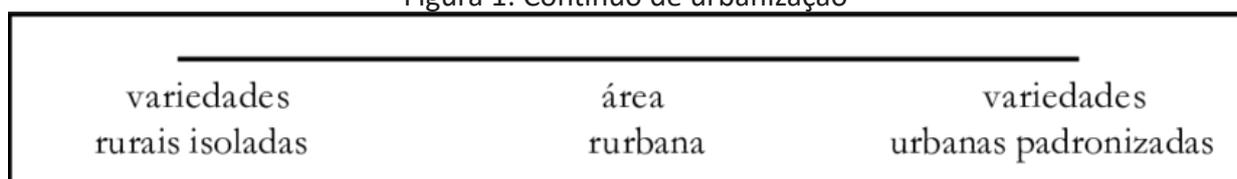
A avaliação e apreciação social de um traço linguístico é determinante para que os falantes de uma comunidade adotem ou não este traço em seu repertório, pois “antes que um fenômeno possa difundir de palavra por palavra [...] é necessário que uma das formas rivais adquira algum prestígio” (Sturtevant, 1947 apud Labov, 2008[1972], p. 21).

Essa avaliação é determinante também para a constituição da identidade linguística do falante e comunidade. Neste sentido, Labov 2008[1972]) estratifica a avaliação em três níveis sociais: indicador, marcador, estereótipo.



No Brasil, Bortoni-Ricardo (2004) estratificou as as variáveis linguísticas com base no contínuo de urbanização, estabelecendo uma distinção entre as variedades rurais isoladas e as variedades urbanas padronizadas: as regras que definem uma estratificação “descontínua’ e que caracterizam as variedades regionais e sociais mais isoladas, recebendo maior grau de estigmatização na sociedade urbana hegemônica, e regras “graduais”, que definem uma estratificação contínua e estão presentes no repertório de praticamente todos os brasileiros, dependendo apenas do grau de formalidade que eles conferem à própria fala.

Figura 1: Contínuo de urbanização



Fonte: Bortoni-Ricardo, 2004, p. 52

Os fenômenos proeminentes na variedade linguística das regiões rurais são também categorizados como **traços descontínuos**, uma vez que “esses traços têm uma distribuição descontínua,

visto que seu uso é interrompido” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 53) nas áreas urbanas. Socialmente estigmatizados, esses traços costumam receber maior grau de estigmatização na sociedade urbana hegemônica, a exemplo dos seguintes fenômenos:

- **rotacismo:** alternância da consoante lateral [l] pela vibrante alveolar [r]: *planta~pranta, alface~arface*;
- **vocalização:** Alternância da consoante lateral [l] pela vogal [i]: *falha~faiá, milho~mio*;
- **Palatalização progressiva:** assimilação do som anterior (vogal anterior alta [i] e suas variantes) diante de /t/: *coitado~cotfado, muito~mutfo*;
- **Apagamento de gerúndio:** assimilação do fonema /d/ pelo fonema /N/: *estudando~estudano, cantando~cantano*.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004), há as regras graduais, que estabelecem uma estratificação contínua, fazem parte do repertório de praticamente todos os brasileiros, variando apenas de acordo com o grau de formalidade e monitoramento que escolhem aplicar à própria fala, como exemplo:

- **[s] em coda silábica:** alternância do [s] por [ʃ]: *pasta~paʃta, estudar~eʃtudar*;
- **Monotongação de ditongos crescentes orais:** apagamento da semivogal do ditongo: *ouro~oro, peixe~pexe, caixa~caxa, beira-bera*;
- **Ditongação:** insere uma semivogal entre uma vogal e um /s/: *vez~veiz, capaz-capaiç, dez~deiz, mas~mais*;
- **Palatalização regressiva:** assimilação do som posterior (vogal anterior alta [i] e suas variantes) diante de /t/: *partfe, tʃia, dʃia, dʃieta, dentfe*
- **Apagamento do rótico coda medial ou de final de palavra:** ocorre quando o falante não pronuncia o som consonantal /R/: *amar, mulher, colher, dormir*.

Os traços descontínuos são frequentemente estereotipados no Brasil, sujeitos a preconceito e avaliações negativas. Outro exemplo de estereótipo, com avaliação explícita, pode ser identificado pela associação de baianos à fala devagar, paulista à fala apressada, ou chineses aprendizes de português que trocam o /r/ pelo /l/, como o Cebolinha da Turma da Mônica (Freitag *et al.*, 2020).

No estado de Sergipe, por exemplo, a realização palatal em contexto regressivo (*tʃia, dʃia*) é socialmente prestigiada, conscientemente bem avaliada pela comunidade e associada aos falantes com alta escolaridade (Freitag; Santos, 2016), já a variante palatal em contexto progressivo é realizada por falantes de menor escolarização e em regiões não urbanas, o que faz com que não tenha prestígio aberto pela comunidade (Freitag; Souza Neto; Corrêa, 2019; Silva, 2021).

Pela consciência sociolinguística dos falantes, há um estereótipo linguístico pela associação feita entre a palatalização progressiva a determinados perfis de indivíduos ou de comunidades. Esse fenômeno é saliente e socialmente marcado. Esse fenômeno é saliente e socialmente marcado. Na fala de universitários sergipanos, em contextos de entrevistas sociolinguísticas, a palatalização

progressiva (*coitado~cotfado*) tende a não aparecer; quando ocorre, é frequentemente alvo de hipercorreção, resultado do julgamento negativo atribuído a essa variante. Logo, o mesmo indivíduo vai, às vezes, usar uma variante e, às vezes, usar outra variante, de uma mesma variável, o que configura a variação intrafalante (Meyerhoff, 2018), tal qual descrito por Labov (2008[1972]) no estudo em Martha's Vineyard.

No caso de hipercorreção do estudo universitário, percebe-se a atenção plena do indivíduo ao seu discurso, um monitoramento e ajuste da fala ao contexto da entrevista, com a presença de um pesquisador “desconhecido”, um gravador e uma câmera, numa tentativa de barrar um fenômeno linguístico socialmente estigmatizado. Provavelmente, esse processo de hipercorreção não aconteça com fenômenos dos níveis indicadores e marcadores ou em traços graduais, justamente por serem alvo de prestígio na comunidade.

Abordagens de competência comunicativa na tradição sociolinguística tendem a ver o uso da língua como situado. A fala é o marcador da situação comunicativa. No caso do universitário, a formalidade da linguagem dependeu da situação em que ela ocorreu, na tentativa de neutralizar um fenômeno fonético-fonológico socialmente estigmatizado. Com frequência, nos deparamos com questões que emergem quase automaticamente, antes mesmo de começarmos a falar: Qual é o propósito subjacente ao uso da linguagem? A quem exatamente se destina a nossa mensagem? Em que ambiente e contexto está ocorrendo essa comunicação linguística? Qual atividade está em curso? Que tópico estamos prestes a abordar? Tais indagações ressaltam a importância do contexto comunicativo.

Situações formais e informais são comumente compatíveis com linguagens formais e informais. Quando uma situação é formal, a linguagem também seria formal. Em contraste, quando a situação é informal, a linguagem seria informal. A variação ou o estilo é condicionada pela formalidade ou informalidade da cena (Brown; Fraser, 1979).

Imagine o impacto que teria em uma comunidade presenciar uma juíza lendo a sentença de um réu condenado a 30 anos de prisão de forma humorística, ou um médico comunicando a notícia de um falecimento com um tom jocoso. Nestes casos, assim como em outros, o mais importante, no entanto, é o sentido “embutido” de meta ou propósito tipificado em situação.

Essa situação tem forte associação com público e com a comunidade ouvinte. A proposta de Design de Audiência de Bell (1984) argumenta que a variação de estilo reflete as diferenças do falante em respostas às características do público. Uma proposta relacionada e que dá continuidade à Teoria da Acomodação (Giles *et al.*, 1973), segundo a qual os participantes da conversa, em situações específicas, ajustam sua fala à de seus interlocutores, numa tentativa de manter aproximação ou distanciamento, através de usos linguísticos em todos os níveis.

Bell (1984) apresenta que mudança de estilo é socialmente fundamentada e sugere que os falantes se acomodam principalmente ao seu destinatário, ou seja, à pessoa a quem estão falando. No entanto, para o mesmo autor, os terceiros presentes, outros ouvintes, também podem afetar a

mudança ou a escolha do estilo, ainda que em um grau menor. Para além de escolha de fenômenos fonético-fonológicos, esses ajustes incluem outros elementos da fala, tais como entonação, velocidade da fala, gestos, entre outros.

Além do design de público em que há aproximação do estilo em detrimento do público, Bell (1984) apresenta um componente denominado de “design de árbitro”.

Eu concluí que a essência da mudança de estilo de iniciativa é se dirigir às pessoas como se fossem outra pessoa. Tal redefinição do destinatário pelo falante pode, como vimos, envolver (hiper)convergência com o destinatário. Mas é mais óbvio quando um orador diverge do destinatário e se dirige a um terceiro, a quem chamo de árbitro (Bell, 1984).

O objetivo é que o discurso do falante leve o público à mente de um grupo de referência específica, ou seja, o falante não se acomoda ao público presente ou ao interlocutor, mas se associa a outros grupos sociais que não estão presentes, como forma de pertencimento a aproximação a estes grupos. Uma das formas de se associar a grupos sociais é justamente a partir da escolha de um repertório linguístico específico.

Mas, como se dá essa associação entre determinados grupos sociais e determinados linguísticos? Neste sentido, a proposta apresentada por Silverstein (2003) defende que se faz necessária uma expansão da análise semântico-referencial do uso da língua para considerar as conexões indexicais entre os elementos linguísticos e as estruturas sociais (gênero, profissão, raça, classe etc.).

A abordagem de Silverstein (2003) destaca a existência de diferentes níveis ou “ordens” de indexicalidade, que descrevem como formas linguísticas se associam a valores sociais. O processo inicia-se com uma correlação entre elementos linguísticos e contextos sociais específicos. Para ilustrar, o autor utiliza o exemplo do ato de “beber vinho”: à medida que o consumo é realizado e adequadamente sinalizado (ritualizado), o indivíduo se torna, em tempo real performativo, uma pessoa percebida como sofisticada, interessante e equilibrada, carregando atributos sociais positivos. De maneira análoga, à medida que formas linguísticas se indexam a estruturas sociais e adquirem significados sociais específicos, os falantes passam a utilizar (ou evitar) essas formas como estratégias para alcançar determinados objetivos sociais.

Nesse sentido, os detalhes fonéticos são importantes para o significado social na variação e para a construção da identidade e estilo do falante, que vai sendo construída ideologicamente com foco na localidade, com construção distintiva (*quem fala assim é de tal lugar, que é diferente de outro lugar*). Essas associações não são fixas, mas fluídas e dinâmicas, e são modificadas também com as mudanças pelas quais passam a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno da mudança linguística e da variação é inerente à natureza das línguas. Ambos representam processos orgânicos e sistemáticos que ocorrem ao longo do tempo. As diversas vertentes linguísticas apresentadas compartilham um enfoque crucial na experiência linguística, realçando o uso da língua em contextos comunitários e situações cotidianas.

Embora existam divergências pontuais entre as diversas correntes teóricas, é importante destacar que essas diferenças frequentemente se complementam, ampliando e enriquecendo o campo da Linguística. A exploração dessas perspectivas oferece um conjunto diversificado de abordagens teóricas que contribuem para uma compreensão mais profunda tanto do uso universal da língua quanto da complexidade intrínseca a esse fenômeno.

Portanto, para avançar no estudo da Linguística e no entendimento da linguagem humana, é imprescindível reconhecer as nuances e interconexões entre essas abordagens. Essa visão abrangente fornece subsídios teóricos sólidos para a descrição e análise de um aspecto essencialmente humano e universal: o uso da língua.

REFERÊNCIAS

- BELL, Allan. Language style as audience design. **Language in society**, v. 13, n. 2, p. 145-204, 1984.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004
- BROWN, Penelope; FRASER, Colin. Speech as a marker of situation. In: **Social markers in speech**. Cambridge University Press, 1979. p. 33-62.
- BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CHIAVEGATTO, Valeria Coelho. Introdução à linguística cognitiva. **Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 16, n. 24, 2009.
- CHOMSKY, Noam. **Aspectos da Teoria da Sintaxe**. Tradução José Antônio Meireles e Eduardo P. Raposo. 2. ed. Coimbra, Portugal: Armênio Amado Editor, 1965.
- CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário. **Manual de Linguística**. São Paulo, Contexto, 2008.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura e CUNHA, Maria Angélica Furtado da (orgs.). **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro, Mauad X: FAUPERJ, 2013. P. 13-40.
- DELANCEY, Scott. **On functionalism**. Lecture. LSA Summer Institute. Santa Barbara, 2001. Disponível em: < <https://pages.uoregon.edu/delancey/sb/LECT01.htm>>. Acesso em: 31 jun. 2022.
- FORD, Cecilia E.; FOX, Barbara A.; THOMPSON, Sandra A. Social interaction and grammar. In TAMASELLO, Michael. (ed). **The new psychology of language**. v. 2. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003. p. 119-143.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. *et al.* O uso da língua para a discriminação. **A Cor das Letras**, v. 21, n. 1, p. 185-207, 2020.
-

FREITAG, Raquel Meister Ko.; SANTOS, Adelmileise de Oliveira. Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe. In: LOPES, Norma da Silva; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; FREITAG, Raquel Meister Ko. (org.). **A Fala Nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia**. 1. ed. São Paulo: Editora Blucher, 2016, p. 109-122.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; SOUZA NETO, Antônio Félix; CORRÊA, Thais Regina de Andrade. Panorama da Palatalização em Sergipe. In: LOPES, Norma da Silva; SANTOS, Elisângela Santana dos; CARVALHO, Cristina dos Santos (orgs). **Língua e Sociedade: diferentes perceptivas, fim comum**. 1. ed. São Paulo: Editora Blucher, 2019, p. p. 63-80.

GILES, Howard; TAYLOR, Donald M.; BOURHIS, Richard. Towards a theory of interpersonal accommodation through language: some Canadian data1. **Language in society**, v. 2, n. 2, p. 177-192, 1973.

GIVÓN, Talmy. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MEYERHOFF, Miriam. **Introducing sociolinguistics**. Routledge, 2018.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O Funcionalismo em Linguística. In: BENTES, Anna Cristina; MUSSALIM, Fernanda. (Org.). **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2004, v. 3, p. 165-218.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SILVA, Lucas Santos. **Análise acústica ou de oitiva?** Contribuições para o estudo da palatalização em Sergipe. 1. ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2021.

SILVERSTEIN, Michael. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language & communication**, v. 23, n. 3-4, p. 193-229, 2003.

SQUIRES, Lauren. Processing grammatical differences: Perceiving versus noticing. **Awareness and control in sociolinguistic research**, p. 80-103, 2016.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Enviado em 13 de dezembro de 2024
Aceito em 17 dezembro de 2024
Publicado em 30 de dezembro de 2024